Diagnóstico de práticas sustentáveis: uma análise da maturidade sustentável das micro e pequenas empresas de Dom Pedrito.

Jossimar Jorge Duarte Farias[*] *Giovandro Loreto Laus*[**] *Fábio Josende Paz*[**]

Resumo

Sustentabilidade é um termo relativamente novo, porém com grande destaque atualmente, o que leva as organizações a adotarem políticas e práticas sustentáveis devido a exigência da sociedade e do mercado. O objetivo deste artigo é avaliar a maturidade sustentável das micro e pequenas empresas de Dom Pedrito - RS, e discutir a atual situação visando os potenciais benefícios da utilização de práticas sustentáveis nas ações estratégicas das empresas foco de estudo, em vista dos impactos socioambientais gerados pelas mesmas. A discussão é feita a partir de análises quantitativas de uma amostra de 29 micro e pequenas empresas de Dom Pedrito, obtidas em pesquisa de campo e analisadas no programa computacional MESO. O método de análise utiliza ainda processamento no programa computacional Excel 2013 para o percentual amostral de utilização das dimensões sustentáveis das organizações analisadas. Conclui-se que grande parte das organizações utiliza predominantemente a dimensão financeira e negligenciam a dimensão social, e apenas atendem a legislação ambiental através de ações corretivas, caracterizando-as no estágio dois de maturidade sustentável.

PALAVRAS CHAVE: Sustentabilidade, Micro e pequenas empresas, maturidade sustentável

Abstract

Sustainability is a relatively new term, but with great emphasis currently leading organizations to adopt sustainable policies and practices due to the requirement of society and the market. The purpose of this paper is sustainable maturity of micro and small enterprises of Dom Pedrito - RS, and discuss the current situation aimed at the potential benefits of using sustainable practices in strategic actions of the study focused companies, in view of the social and environmental impacts of same. The discussion is made from quantitative analysis of a sample of 29 micro and small enterprises of Dom Pedrito, obtained in field research and analyzed on the computer program MESO. The analysis method further processing in Excel 2016 uses computer program for sampling of use percentage of the organic dimensions of the analyzed organizations. The paper concludes that most organizations rely primarily on the financial dimension and neglect the social dimension, and only meet environmental legislation through corrective actions, characterizing them in stage two of sustainable maturity.

KEYWORDS: Sustainability, Micro and small enterprises, sustainable maturity

[*]Acadêmico do curso de Administração da Universidade da Região da Campanha - RS.
[**]Professores Mestres do Curso de Administração da Universidade da Região da Campanha – RS.

1 Introdução

Empresas e organizações são provedoras de praticamente tudo o que o homem necessita, produzem em larga escala bens, serviços e produtos de consumo necessários à vida, porém seus processos produtivos e operacionais geram impactos e colaboram para uma enorme exploração dos recursos naturais. Essa exploração gerou e vêm gerando mudanças climáticas, desequilíbrio dos ecossistemas, má distribuição de renda, além de revoltas de grupos sociais, étnicos e culturais, expondo à sociedade questões relacionadas a responsabilidade socioambiental (PIMENTEL; OLIVEIRA; REINALDO, 2012).

O grande desafio na atualidade é fazer com que as organizações consigam detectar formas de gestão que conduzam ao equilíbrio e crescimento econômico sustentável, minimizando ao máximo o impacto causado ao meio ambiente e conscientizando cada vez mais as gerações futuras sobre a importância da responsabilidade social nas organizações (STEPHANOU, 2013).

Diante desse contexto, surgiu uma mobilização em prol de modelos de gestão mais ecológicos, justos e sustentáveis, que foram com o passar do tempo amadurecendo e tornaram-se significado de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável (SEIFFERT, 2011,

No início, essa compreensão de responsabilidade socioambiental era atrelada ao governo, mas com o decorrer do tempo, mudou e estendeu-se a todos os setores da sociedade (ALMEIDA, 2007).

Segundo Almeida (2002) muitos empresários já perceberam que precisam se adaptar a um novo cenário gerado até mesmo por pressões da sociedade e do governo no que diz respeito às questões de sustentabilidade.

Nesse mesmo cenário, as MPE (Micro e Pequenas Empresas) não ficam incólumes a essas pressões e bons resultados financeiros apenas, já não garantem mais a sobrevivência das mesmas (NOGUTI *et al*., 2008).

Com esse intuito de obtenção de melhores resultados e mantendo-se competitivos no mercado dentro desse novo cenário, a pergunta pertinente que este trabalho faz é se os empreendedores de MPE Pedritenses estão conscientizados da importância de se conseguir alternativas ambientalmente mais apropriadas no que concerne à adequação de suas linhas de produção e distribuição, principalmente a oferta de bens e serviços de forma sustentável?

E tendo em vista ainda as características do município de Dom Pedrito, o qual é grande o predomínio de MPE, teve-se como objetivo dessa pesquisa averiguar a maturidade sustentável e o conhecimento dos empreendedores de micro e pequenos negócios de Dom Pedrito/RS a respeito da sustentabilidade, e ainda saber qual das dimensões da sustentabilidade está mais presente nas ações empresariais. Portanto é importante saber se as MPE de Dom Pedrito/RS dentro de todo esse contexto estão engajadas na inserção de práticas sustentáveis nos seus negócios e adotando tais práticas para manterem-se atuantes em um mercado cada vez mais competitivo e principalmente buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável local, justificou o propósito deste estudo.

2 Referencial Teórico

Esta seção apresenta uma breve fundamentação teórica sobre a ferramenta MESO – Maturidade e Educação para a Sustentabilidade, a qual foi utilizada para averiguar o grau de maturidade das organizações estudadas, além de apresentar a Sustentabilidade suas

dimensões, a sua inserção nas micro e pequenas empresas e a sua relação com o empreendedorismo e a inovação.

2.1 Maturidade e Educação para a Sustentabilidade – MESO

Segundo Paz, Frozza e Kipper (2015), o MESO é um sistema computacional concebido para avaliar o estágio de maturidade sustentável de organizações de todos os portes, mas principalmente as micros e pequenas empresas. A simplicidade e a facilidade de uso são suas principais características, tornando seu uso acessível e didático.

Ainda segundo os autores, é didático, porque, além de avaliar o estágio de maturidade sustentável, sua metodologia de questionamento auxilia a reconhecer onde a organização precisa melhorar e contribui para o planejamento e monitoração das ações para a implantação destas. Sua metodologia de avaliação está embasada no conjunto de ações e práticas alinhadas com o Triple Bottom Line – TBL e suas três dimensões: econômica/financeira; social e ambiental considerando suas correlações.

O resultado da avaliação é dado por meio de um indicador de estágio relativo à sustentabilidade, para verificar se a organização está pronta para implantar uma forma de agir mais sustentável. O MESO segundo, Paz, Frozza e Kipper (2015), produz essa avaliação levando em consideração as três dimensões do TBL, que são subdivididas em 12 fatores de análise, que englobam inovação, questões ambientais, recursos, indicador ambiental, estratégia, partes interessadas, gestão, indicador financeiro, motivação para a sustentabilidade, responsabilidade social, conhecimento e educação para a sustentabilidade e indicador social, que por suas vezes são subdivididos em cinco estágios como veremos a seguir:

No Estágio 1, chamado de Falta de Consciência Sustentável. A organização não utiliza práticas sustentáveis e ignora o valor dessas ações. O conhecimento sobre sustentabilidade é mínimo ou inexistente, apresenta apenas a dimensão financeira como prática mais relevante se comparada às demais dimensões propostas no tripé da sustentabilidade.

Estágio 2, é chamado de Iniciação à Sustentabilidade. Neste estágio já começam a existir práticas sustentáveis, mas de forma isolada sem correlação entre os pilares do TBL. A organização não percebe o potencial da sustentabilidade, nem a relaciona com maior lucratividade. Já existe um conhecimento sobre sustentabilidade, mas ainda não difundido na organização, as práticas sustentáveis envolvendo o social e o ambiental, são vistas como custos adicionais, apenas compromete-se a cumprir a legislação do setor.

Estágio 3, é chamado de Sustentabilidade Inicial. Neste estágio, a organização já percebe que a sustentabilidade pode além de reduzir custos, aumentar o retorno financeiro. As ações sociais, ambientais e financeiras já possuem uma característica de correlação e objetivos concretos. Neste nível, a organização já está apta à implantação de uma metodologia sustentável com uma boa probabilidade de sucesso.

Estágio 4 é chamado de Maturidade Sustentável. É considerado o melhor estágio para a organização implantar modelos sustentáveis na sua totalidade. Pois os gestores possuem convicção de que a sustentabilidade traz vários benefícios o crescimento da empresa depende de sua utilização.

Estágio 5 que se chama Sustentável. A organização atingiu o estágio de internalização do entendimento de contribuir para um mundo sustentável, a sustentabilidade

está arraigada a organização como um todo. A organização ouve os *stakeholders*, existe um canal de diálogo que sustenta o processo e a inovação é constante.

2.2 Sustentabilidade

No âmbito organizacional, as aspirações em torno da sustentabilidade tiveram início em 1972, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (*United Nations Conference on the Human Environment* - UNCHE), realizada em Estocolmo na Suécia. Através dela, a comunidade internacional começou a discutir os impactos ambientais das atividades humanas e lançou as bases das ações ambientais em nível internacional, que se traduziu em um Plano de Ação Mundial, e definiu princípios de preservação e melhoria do ambiente natural, através do PNUMA (Programa das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente) (SEIFFERT, 2011).

A partir dessas bases criadas, mais tarde em 1987, durante a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comissão Brundtland) foram aprimoradas e receberam o conceito de "Desenvolvimento Sustentável", posteriormente consolidado durante a ECO-92 (Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento) realizada em 1992, no Rio de Janeiro (SEIFFERT, 2011).

Seiffert, (2011, p. 23) conceitua desenvolvimento sustentável como sendo aquele que "se constitui na adoção de um padrão de desenvolvimento requerido para obter a satisfação duradoura das necessidades humanas, com qualidade de vida", ainda GRI - *Global Reporting Initiative* (2014) e Campos *et al.* (2013) complementam que desde o surgimento do termo sustentabilidade um crescente número de empresas perceberam a importância da sustentabilidade para melhorar seus negócios.

O que evidencia que a busca pela sustentabilidade não precisa e nem é financeiramente inviável como muitos empresários e organizações julgam ser, pensar e agir sustentavelmente pode reduzir custos e aumentar as receitas, sendo a base para inovações (NIDUMOLU, PRAHALAD e RANGASWAMI, 2009 E LANGE, BUSCH e DELGADO-CEBALLOS, 2012).

Almeida (2002) concluí que uma empresa para ser sustentável e competitiva atualmente deve buscar em todas suas ações e decisões a eco eficiência, ou seja, produzir mais e melhor com menos poluição e menos uso de recursos naturais, além de ser socialmente responsável.

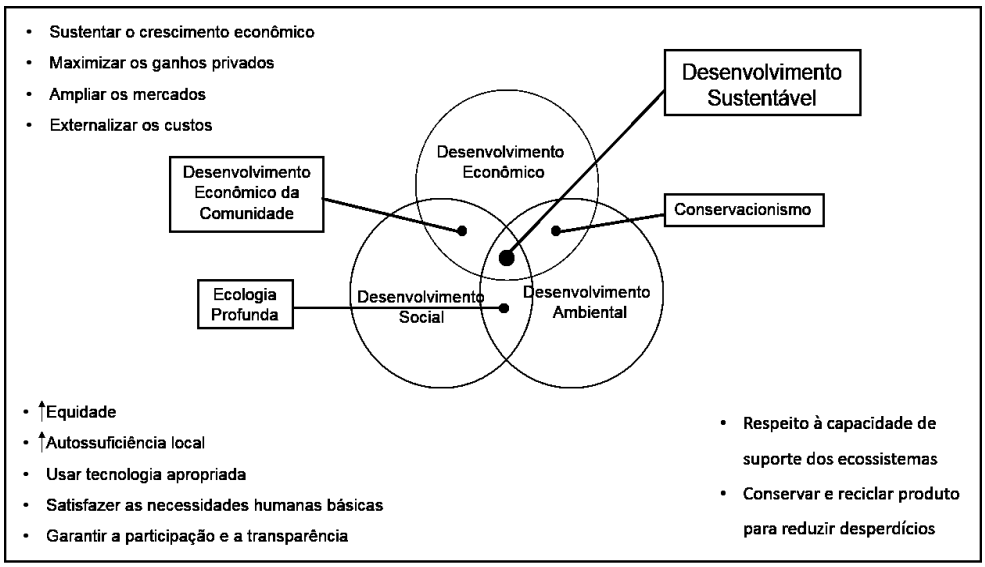
2.2.1 Triple Bottom Line (*TBL*)

A sustentabilidade empresarial está relacionada a maneira de gerir equilibradamente os recursos humanos, naturais e financeiros, com práticas, atitudes ou estratégias corretas, e que devem envolver os três pilares ou dimensões que sustentam esse modelo (*Triple Bottom Line*), para isso, deve ser economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta (SEIFFERT, 2011, LANGE, BUSCH e DELGADO-CEBALLOS, 2012, ELKINGTON, 1994).

Seiffert (2011), Almeida (2002), Paz e Kipper (2016) e Wals e Schwarzin (2012) abordam ainda que é necessário que esses três pilares coexistam em equidade, sem que haja o predomínio de um ou de outro pilar, por correr o risco de tornar-se apenas resultado de

interesses espúrios, desvirtuando o conceito principal, pode-se visualizar esse ideal de equidade na figura 1.

Figura 1: Imperativos e conflitos dos âmbitos social, ambiental e econômico para o desenvolvimento sustentável.



Fonte: Seiffert, (2011).

A existência dessa equidade nas organizações está diretamente ligada a forma de gerir, essas empresas, onde a cultura empresarial deve estar apoiada numa postura responsável, buscando sempre alcançar a maior eficiência de seus recursos, contribuindo para a inserção de práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável (MOROZINI; CASTRO, 2014).

Portanto, o desenvolvimento sustentável deixou de ser apenas de cunho protetor do meio ambiente e passou a ser de interesse administrativo (ANDRADE *et al.*, 2002 p. 08). Esta, por sua vez, vem integrando-se nos planejamentos e estratégias, contemplando toda a estrutura organizacional da entidade, evidenciando a consequente evolução no quesito responsabilidade, as quais introduzidas no cenário e perseguidas pelos gestores tornam-se uma atividade importante para a empresa, gerando ganhos para a organização (NIDUMOLU, PRAHALAD e RANGASWAMI, 2009 E LANGE, BUSCH AND DELGADO-CEBALLOS, 2012).

2.2.2 Sustentabilidade nas Micro e Pequenas Empresas

Almeida (2007, p.129), diz que "a verdadeira sustentabilidade é subversiva, subverte a ordem estabelecida ao sacudir conceitos arraigados, redefinir hierarquias e trazer para frente do palco temas e personagens antes relegados aos bastidores...". Já Lowitt (2014) assinala que a maioria das pequenas empresas está lutando para integrar a sustentabilidade a seus negócios, e ressalta que essa integração não é muito complicada ou onerosa como muitos empresários imaginam, corroborando com Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009) e Lange, Busch e Delgado-Ceballos (2012).

Ionescu-Somers, (2014) aponta que, MPE são mais flexíveis do que grandes corporações e essa característica possibilita adotar com celeridade novas práticas sustentáveis. Afirma também que as MPE por serem menos propensas a adotar de forma espontânea ações proativas, acabam optando apenas por cumprir exigências legais. No entanto, conforme a mesma autora, devido as características inerentes às MPE, estas devem ser levadas em consideração no momento de planejar a inserção de práticas sustentáveis, por serem cruciais ao sucesso da sustentabilidade.

Segundo Lonescu-Somers (2014) pesquisas realizadas pelo IMD (*International Institute for Management Development*), apontam que não existe um modelo pronto e genérico à todas as empresas, mas que devem ser personalizados e específicos a cada empresa, local, departamento, projeto ou atividade, levando em consideração as características particulares da organização.

Lowitt (2014, p. 17) aponta que, "pequenas empresas melhoram o lucro líquido quando integram a sustentabilidade a seus planos de negócios e atividades diárias". Ainda verifica-se esse aumento no lucro geralmente pelo fato de haver uma redução nos custos devido a um o menor uso de recursos ambientais como água, consumo de energia ou envio de resíduos para aterro, isso propicia menores despesas. Para outras empresas, esse aumento se dá em função da realização de venda para clientes engajados com a sustentabilidade que dão preferência a fornecedores com práticas sustentáveis (LOWITT, 2014).

É nítido que, as empresas devem aproveitar as oportunidades abertas e buscarem inovações para a solução de problemas socioambientais, pois apresenta-se como fator crítico e fundamental à competitividade empresarial (LOWITT, 2014, NIDUMOLU, PRAHALAD e RANGASWAMI, 2009, WALS e SCHWARZIN, 2012 e SILVEIRA, 2013).

Fatos ambientais como as mudanças climáticas, redução do estoque de recursos naturais, degradação do patrimônio de biodiversidade, desgaste da fertilidade do solo e produção crescente de lixo tornam a incorporação de práticas sustentáveis inevitáveis, mais cedo ou mais tarde, ao dia a dia das MPE (IDEIA SUSTENTÁVEL, 2014).

Voltolini (2014) afirma que, não haverá mudança possível na direção de um modelo de negócio mais sustentável se ela não ocorrer também nos 9 milhões de micro e pequenos negócios brasileiros. Inovar com o grande propósito da sustentabilidade, buscando rever e ou alterar o seu caminho, tendo como base a opinião de potenciais clientes ou investidores, é questão de sobrevivência para uma empresa em início de atividade (HARPLE, 2014). Entretanto, Araújo *et al*. (2006) entre outras considerações assinala que obter resultados eficazes, agindo sob um propósito de vida organizado com consciência da necessidade de se empreender de forma sustentável apresenta-se como o atual desafio das empresas, além de ser ao mesmo tempo, uma imposição para se evitar futuras crises.

Dessa forma as MPE apresentam-se como parte do problema, mas ao mesmo tempo possuem o potencial de ser também parte da solução. Explorar novas ideias e mercados através da visão empreendedora dos micro e pequenos empresários pode-se mostrar a resposta a grandes desafios da insustentabilidade. Inovar visando a sustentabilidade é o novo papel do empreendedor (IDEIA SUSTENTÁVEL, 2014).

Percebe-se, portanto, que as MPE, possuem potencial imenso tanto para impactar negativamente, quando não praticantes da sustentabilidade, quanto para mudar realidades de negativas para positivas, contribuindo com a comunidade local no desenvolvimento sustentável.

2.2.3 Inovação x Empreendedorismo x Sustentabilidade

Para De Barbosa, Noronha e De Castro (2012) a inovação mesmo que diferente do empreendedorismo possui um forte relacionamento. Empreender é ato de criar e utilizar inovações, visando gerar e explorar novas oportunidades. Mudar o *status quo*, fazendo uso dos novos recursos ou dos recursos existentes. Almeida (2002) complementa apontando que, a inovação não é tão somente tecnológica, mas também aquela de ordem econômica, social, institucional e política.

Segundo Malheiros, Ferla e Cunha (2005) o empreendedorismo é definido como um comportamento e não como um traço de personalidade. Portanto, as pessoas podem aprender a agir como empreendedores, desde que se utilizando de ferramentas apropriadas à condução do objetivo proposto.

Já conforme Dornelas (2008) empreendedorismo é o processo em que se abrange de forma conjunta todas as pessoas e processos organizacionais convertendo ideias em oportunidades, e criando através dessa implementação negócios de sucesso.

Para Chiavenato, (2012), o empreendedor é a pessoa que inicia e/ou dinamiza um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo os riscos e responsabilidades e inovando continuamente. O mesmo autor afirma ainda que não só apenas quem constitui empresas, as recebe por herança ou as adquire, são considerados empreendedores, mas também pessoas ligadas a organização, as quais são chamadas de intra-empreendedoras.

O empreendedorismo é de fundamental importância para a geração de empregos e renda dentro de um país. É através dele que o crescimento econômico, a diversificação de negócios e a melhoria das condições de vida da população são aprimoradas (DORNELAS, 2008). Dornelas ainda comenta que o empreendedor reinventa a ordem econômica através da introdução de novos produtos e serviços, novas formas de organização e processos. Corroborando e ampliando esse entendimento no sentido de empreendedorismo sustentável, Boszczowski; Teixeira, (2012) entendem que: “O conceito do empreendedorismo sustentável envolve, portanto, a identificação, criação e exploração de novos negócios que encontrem, no desenvolvimento econômico, a solução de um problema ambiental e social”. Parrish (2008) conceitua o empreendedorismo sustentável como sendo aquele capaz de inserir todas as dimensões da sustentabilidade ao desenvolvimento de uma empresa.

Dentro desse contexto, onde a inovação está diretamente relacionada com o processo empreendedor, que por sua vez tem enorme potencial de alavancar modelos sustentáveis, Serafim (2011) considera a inovação como uma poderosa estratégia competitiva, pois o cliente é o principal foco do processo de inovação, buscando sempre através da descoberta de suas preferências soluções que criem maior valor e aumentem seu grau de satisfação para com a organização. Assim, inovação é um meio de satisfazer clientes.

Pode-se afirmar deste modo, que o empreendedorismo aliado a inovação tornam-se fortes aliados no desenvolvimento da sustentabilidade.

2 METODOLOGIA

Para que os objetivos propostos fossem alcançados realizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório-descritiva, que segundo Acevedo e Nohara (2013), no âmbito exploratório buscou-se um melhor entendimento, acerca das dimensões da sustentabilidade em 29 (vinte e nove) MPE de diversos segmentos empresarias, da cidade de

Dom Pedrito – RS. Já como uma pesquisa bibliográfica se caracteriza segundo Gil (2010) por sua vantagem em abordar uma maior gama de fenômenos relacionados a pesquisa fornecendo maiores subsídios ao pesquisador quanto ao problema a ser investigado. A pesquisa se caracteriza ainda como um estudo de caso, que segundo Pradanov e Freitas, 2013,"consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa". Os mesmos autores complementam apontando que "é um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc".

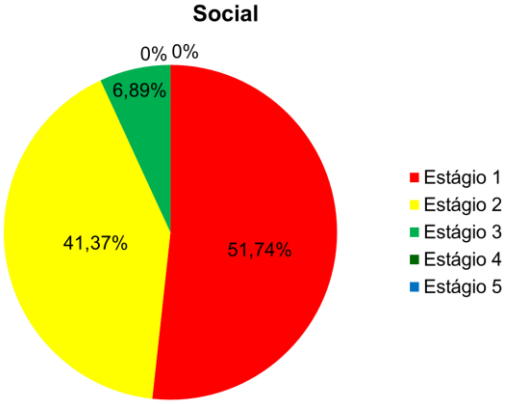
As MPE foram eleitas aleatoriamente, sendo que a maioria das empresas se caracteriza por possuírem público alvo clientes finais ou outras MPE, isto é, não são de fornecedores de grandes empresas ou não fazem parte de cadeias de fornecedores das mesmas. Característica esta inerente as MPE do município.

E, para que as informações fossem obtidas, utilizou-se na fase descritiva a aplicação de questionários do programa computacional MESO (2015), aos empreendedores pesquisados, composto de 50 perguntas divididas nas três dimensões da *TBL*. Após o levantamento dos dados as repostas obtidas foram lançadas no programa computacional MESO que gerou os indicadores individuais e médios das MPE. Da mesma forma, gerou o estágio de maturidade individual e média das MPE. Após obter os indicadores individuais, procedeu-se ao processamento no software Excel do cálculo para obter a porcentagem de utilização das dimensões da *TBL* nas MPE pesquisadas.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Os dados obtidos na pesquisa realizada, apontam, que na dimensão social, 51,74% das 29 MPE encontram-se no estágio 1. Outros 41,37% estão no estágio 2 e apenas 6,89% situam-se no estágio 3, sendo este o menor percentual aferido dentre todas as dimensões. Nesta pesquisa não há nenhuma posicionada nos estágios 4 e 5, como podemos conferir na figura 2.

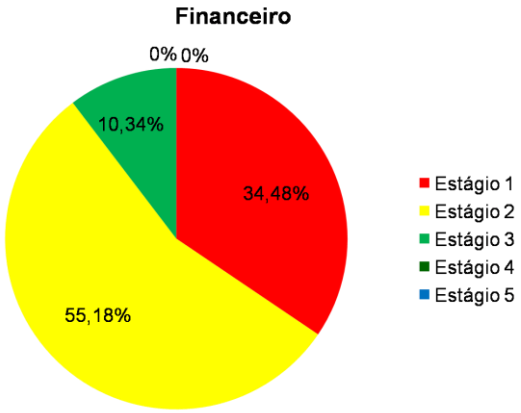
Figura 2: Gráfico percentual de participação da dimensão social.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2015.

Já na dimensão financeira, 34,48% posicionam-se no estágio 1, enquanto que, 55,18% encontram-se no estágio 2, sendo este o maior percentual aferido dentre todas as dimensões, enquanto que no estágio 3, postulam apenas 10,34%. Nesta dimensão também não houve posicionadas nos estágios 4 e 5, como podemos conferir na figura 3.

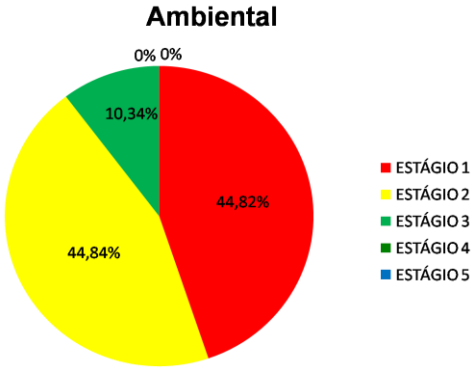
Figura 3: Gráfico percentual de participação da dimensão financeira.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2015.

Na dimensão ambiental, 44,82% das 29 MPE pesquisadas figuram no estágio 1, enquanto que, 44,84% posicionam-se no estágio 2, e somente 10,34% encontram-se no estágio 3. Nesta dimensão também não houve posicionadas nos estágios 4 e 5, encerrando, portanto, com nenhuma MPE nos estágios 4 e 5, como podemos conferir no gráfico ambiental na figura 4.

Figura 4: Gráfico percentual de participação da dimensão ambiental.



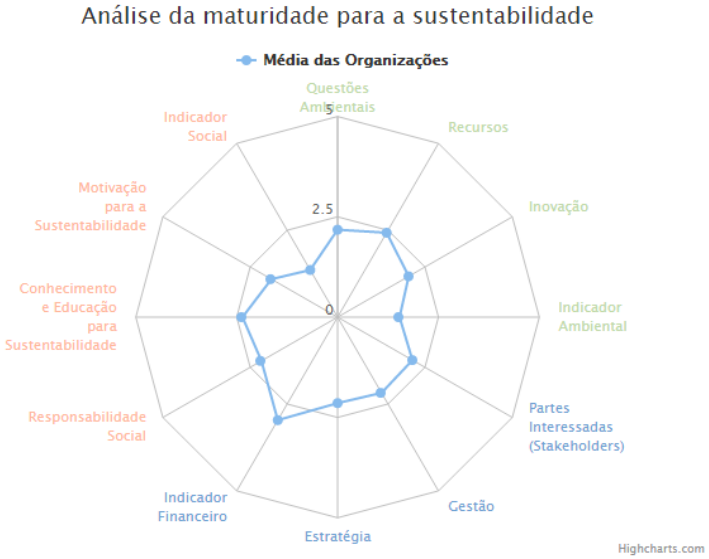
Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2015.

A partir dos resultados expostos, pode-se conforme proposto nos objetivos específicos da pesquisa, demonstrar que a dimensão da sustentabilidade que está mais presente nas organizações é a financeira, figurando com 55,18% das MPE pesquisadas no estágio 2.

Quanto ao objetivo específico de identificar o nível de conhecimento dos empresários pesquisados quanto ao impacto que as ações empresariais sustentáveis podem trazer para as organizações, segundo o programa computacional MESO, o nível médio de

conhecimento, situa-se no estágio 2 como podemos observar na figura 5, em relação aos fatores preponderantes para a sustentabilidade.

Figura 5: Gráfico radial da participação dos fatores de dimensão sustentável.

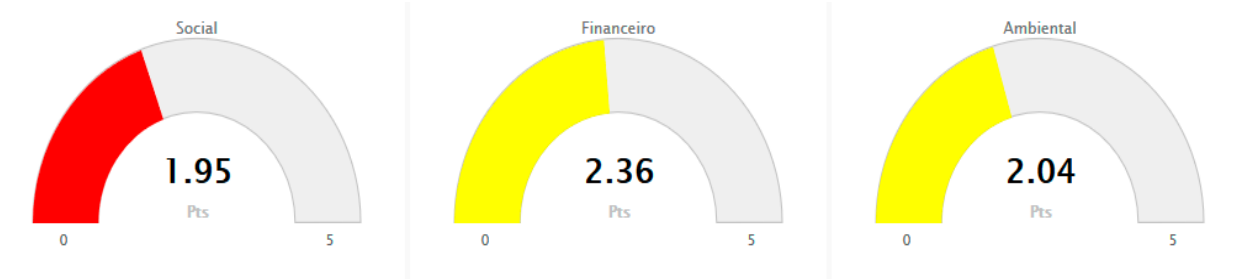


Fonte: Dados obtidos na pesquisa, MESO 2015.

Outro resultado obtido diz respeito a participação da sustentabilidade nas MPE pesquisadas, segundo os indicadores gerados pelo programa computacional MESO, como se pode observar na figura 6, averígua-se que nas empresas pesquisadas a participação da sustentabilidade empresarial está respectivamente presente com 1.95 pontos indicador na dimensão social, caracterizando-se dessa forma no estágio 1 de maturidade social.

Já o indicador da dimensão financeira exibe 2.36 pontos, caracterizando-as no estágio 2 de maturidade financeira. Na sequência, observa-se no indicador ambiental com 2.04 pontos, indicando, portanto, estágio 2 para a dimensão ambiental, estes resultados vão de encontro com outros estudos de Lacerda (2006 e 2011), Oliveira e Lima (2010).

Figura 6: Painéis indicadores de maturidade sustentável.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa, MESO 2015.

Averígua-se, portanto, que a participação média da sustentabilidade nas MPE pesquisadas se dá em maior destaque a dimensão financeira, seguida da dimensão ambiental e

por último a dimensão social com a menor participação, corroborando o estudo de Paz, Iserhard e Kipper (2014).

Ainda conforme os objetivos específicos propostos na metodologia, pode-se avaliar que os resultados médios de maturidade das MPE para a implantação de uma metodologia sustentável, apontam segundo o programa computacional MESO, que as organizações se encontram no estágio 2 de maturidade sustentável, como pode ser observado na captura de imagem de tela do referido programa nas figuras 7 e 8.

Figura 7: Painel de relatório de maturidade sustentável.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, MESO 2015.

Figura 8: Painel de relatório de estágio da MESO.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, MESO 2015.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados expostos e analisando-os, pode-se aferir que a maioria das 29 MPE pedritenses analisadas, não utilizam práticas sustentáveis de forma efetiva e equilibradamente distribuídas.

O fato mais preocupante analisado nos resultados, é o baixo índice de emprego da dimensão social, que embora esteja enquadrada no estágio 2 de maturidade, seu indicador é baixo, e segundo o relatório gerado pelo MESO, a organização possui "pouca interação entre comunidade e empresa. Não existe a preocupação de desenvolvimento da comunidade local". Isso é um fato grave e preocupante, pois limita a qualidade de vida e o desenvolvimento dos colaboradores e da comunidade, impedindo a construção do chamado ciclo virtuoso do ganha-ganha, tão planeado pelos ideais da sustentabilidade.

Na sequência da análise, percebe-se que apenas a dimensão financeira apresenta uma ênfase de utilização maior, mas mesmo assim ainda modesta, pois, situa-se no estágio 2 de maturidade, que segundo o relatório gerado pelo MESO, possui: "foco ainda predominante na esfera econômica, porém ações socioeconômicas começam a surgir e economicamente a organização começa a crescer.".

Seguindo esta linha de interpretação, pode-se considerar que, o principal foco dos empreendedores de MPE, está na parte financeira do que nas demais, isso provavelmente se dê ao fato da prevalência do lucro para a manutenção ativa da organização. Porém, ainda assim, apresenta-se de forma tímida, ou seja, sem muito controle efetivo. Muito provavelmente esse indicador obteve resultados tímidos em razão dos baixos resultados encontrados nos fatores estratégicos e de gestão como pode ser observado na figura 5, isso traz à tona as questões de planejamento do negócio em relação aos objetivos futuros.

Outra consideração é o resultado obtido na dimensão ambiental, que apresenta um relativo estágio positivo, ao menos indica segundo o relatório gerado pelo MESO, que este: "atende a legislação do setor e começa a implantação de práticas sustentáveis, porém em sua maioria ações corretivas".

Esse relatório condiz realmente com a atual fase a qual se encontram alguns setores os quais foram abrangidos pela pesquisa, como por exemplo, postos de lavagem, oficinas mecânicas e fábricas de embutidos. Essas categorias a pouco passaram a ter de atender exigências ambientais para obter permissão de exercer a atividade. Porém, este indicador ainda é considerado baixo, pode-se pressupor que existam organizações que ainda não se adequaram as exigências legais, corroborando dessa forma para o baixo resultado encontrado.

Portanto, conforme o objetivo geral proposto de avaliar a maturidade sustentável das MPE pedritenses obteve-se estágio 2 de maturidade sustentável como se verifica na figura 8, que conforme o relatório gerado pelo MESO, "a organização não percebe a sustentabilidade como diferencial competitivo e não relaciona sustentabilidade com melhores práticas".

Considerando estas análises, isto pode soar como um sinal de alerta, pois as organizações nesse estágio são vulneráveis as influências do ambiente, e podem, portanto, sofrer graves revezes, colocando em risco sua sustentabilidade organizacional, além de não colaborarem para com o desenvolvimento sustentável local.

Dessa forma sugere-se a continuidade desse estudo de modo a ampliar a amostra em relação à população pesquisada o que se pode dizer que foi uma limitação desta pesquisa ou ainda diagnosticar quais as barreiras que impedem as MPE de adotarem práticas sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Louliana Jordan. **Como fazer monografias**. TCC, dissertações e teses. 4º ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2013.

ADAMATTI, Andréia Morello e Luciana Paula. **Sustentabilidade em empresas de médio porte:** Um estudo de caso na empresa Keko Acessórios. Disponível em <http://ecoinovar.com.br/cd2014/arquivos/artigos/ECO455.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2015.

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade.** São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

ALMEIDA, F. **Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente**. E-book. Rio de Janeiro; Editora: Elsevier, 2007.

ANDRADE, A. L., SELEME, A., RODRIGUES, L. H., & SOUTO, R. **Pensamento sistêmico: caderno de campo: o desafio da mudança sustentada nas organizações e na sociedade**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

ANDRADE, R. O. B.de., Tachizawa T., & Carvalho, A. B. de. (2002). **Gestão ambiental – enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável.** (2a ed.). São Paulo: Pearson education do Brasil.

ARAÚJO, G. C. de; BUENO, M. P.; SOUSA, A. A. de; MENDONÇA, P S M. Sustentabilidade empresarial: Conceitos e Indicadores. VI CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO. Anais... 2006.

ARAÚJO, Marcelo. **Empreendedorismo e sustentabilidade:** Uma visão psicológica. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/669.pdf> Acesso em 24/06/2015.

BOSZCZOWSKI, Anna Karina; TEIXEIRA, Rivanda Meira. O Empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: Em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Revista Eletrônica de Economia & Gestão**, v. 12, nº 29, p. 141-168, ago. 2012.

CAMPOS, L. M. de S.; SEHNEM, S.; OLIVEIRA, M. de A. S; ROSSETTO, A. M.; COELHO, A. L. de A. L.; DALFOVO, M. S. Relatório de sustentabilidade: perfil das organizações brasileiras e estrangeiras Segundo o padrão da Global Reporting Initiative. **Gestão e Produção**, v. 20, n. 4, p. 913-926, 2013.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.** 4. ed. Barueri; Editora Manole, 2012.

DE BARBOSA, Déborah Mara Siade; NORONHA, Nayara Silva; CASTRO, DE Cléber Carvalho. Empreendedorismo, inovação e redes de relacionamento: o caso de uma empresa incubada. **Revista Eletrônica Espacios**, v. 33. p. 10, nov. 2012.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo na prática.** 2008**.** Disponível em <http://www.josedornelas.com.br/wp-content/uploads/2008/02/empreendedorismo_na_pratica_capitulo_2.pdf>.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo:** Transformando ideias em negócios. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ELKINGTON, J. Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium. **Australian CPA**, v. 69, p. 75, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBAL REPORTING INICIATIVE (GRI). About GRI. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/ information/about-gri/what-is-GRI/Pages/default.aspx>. Acesso em: 29 mar. 2014.

HARPLE, Dan. Sustentabilidade como fator fundamental de inovação. Pequeno grande insight. O principal é ter um propósito. **Revista Eletrônica Ideia Sustentável**. ed.36, p. 23, jul. 2014.

IONESCU-SOMERS, Aileen. Integrando a sustentabilidade nos planos de negócios das pequenas empresas. **Revista Eletrônica Ideia Sustentável.** ed.36, p. 19-20, jul. 2014.

LACERDA, DANIEL P. Paradigmas Construtivos dos Sistemas de Indicadores. In ANDRADE. AURÉLIO L.; (orgs.). **Pensamento Sistêmico:** caderno de campo: O desafio da mudança sustentada nas organizações e na sociedade. Porto Alegre: Bookman, 2006.

LACERDA, DANIEL PACHECO; DEUS, ANDRE D.; RODRIGUES, LUIS HENRIQUE. Proposta de Indicadores Sistêmicos para Avaliação de Fornecedores de Uma Empresa do Ramo Automotivo. **ENEGEP**, Belo Horizonte, 04 a 07 de outubro de 2011.

LANGE, D. E. de; BUSCH, T.; DELGADO-CEBALLOS, J. D. (2012). Sustaining Sustainability in organizations. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n 2, p. 151-156, 2012.

LOWITT, Eric. Pequenos negócios e sustentabilidade: uma fórmula para o crescimento. **Revista Eletrônica Ideia Sustentável**. ed.36, p. 17-18, jul. 2014.

MALHEIROS, Rita de Cássia da Costa; FERLA, Luiz Alberto; CUNHA, Cristiano J. C. de Almeida. **Viagem ao mundo do empreendedorismo**, 2° ed. Florianópolis: Editora IEA, 2005.

MARQUES, Wagner Luiz. **Contabilidade geral II**. Segundo a Lei 11.638/2007 das sociedades anônimas. Passo a passo da contabilidade. E-book. Paraná. Cianorte, 2010.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Administração para empreendedores.** Fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MESO. **Programa computacional:** maturidade e educação para a sustentabilidade. Disponível em: www.mesosoftware.com.br. Acesso: 20/11/2015.

MOROZINI, João Francisco; CASTRO, Jéssica de. Relato de Experiência: Sustentabilidade nas micro e pequenas empresas do Paraná. **Revista Eletrônica de Organizações e Sustentabilidade**. v. 2, nº 1, p. 94-111, jun. 2014.

NIDUMOLU, R.; PRAHALAD, C. K.; RANGASWAMI, M. R. Why sustainability is now the key driver of innovation? **Harvard Business Review**, v. 87, n. 9, p. 56-64, 2009.

NOGUTI, MARIANA B.; CAMPOS, SIMONE VOLKMANN B.; RODRIGUES, TAMARA M.; PULLIG, THIAGO; DIAS; JULIANA DE C.. Sistema de Gestão Ambiental – Natura Cosméticos S/A. **CNEG**, Niterói, 01 a 02 de agosto de 2008.

OLIVEIRA, LUCAS R. DE; LIMA, GILSON B.A.. Sistemática para avaliação da maturidade da sustentabilidade empresarial no contexto do Triple Bottom Line. Anais do **CNEG**, Niterói, 05 a 07 de agosto de 2010.

PAZ, Fábio Josende; KIPPER, Liane Mahlmann. Indicadores para a Sustentabilidade organizacional em empresas da Região do pampa gaúcho: um estudo exploratório. **SINGEP,** São Paulo, 09 à 11 de novembro de 2014.

PAZ, Fábio Josende; FROZZA, Rejane; KIPPER, Liane Mahlmann. Desenvolvimento de uma ferramenta para avaliação da maturidade para a sustentabilidade organizacional: uma proposição teórico-metodológica. **Tecno-Lógica**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 36-42, Jan./Jun. 2015.

PAZ, Fábio Josende; KIPPER, Liane Mahlmann. Sustentabilidade nas organizações: Vantagens e Desafios. **GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, Ano 11, nº 2, abr-jun, p. 85-102, 2016.

PIMENTEL, Themisa Araújo Barroso; OLIVEIRA, Leonel Gois Lima; REINALDO, Hugo Osvaldo Acosta. Análise das dimensões de empreendedorismo sustentável em micro, pequenas e médias indústrias no Ceará. **Revista Eletrônica da REUNA**, v. 17, nº 4, p. 85-103, dez. 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 edição. UNIVERSIDADE FEEVALE. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil, 2013.

REVISTA IDEIA SUSTENTÁVEL. **Observatório de tendências em sustentabilidade.** 2ª tendência – inovação. ed. 36, jul. 2014. ISSN 2238-1287. Disponível em <http://www.ideiasustentavel.com.br/arquivos/IS36.pdf> Acesso em 23/06/2015.

ROMANINI, V. O valor da sustentabilidade. **Revista Exame PME**. 12 jul. 2007. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/revista/pme/edicoes/0009/m0133114.html. Acesso em: 24/06/2015.

SEBRAE[1] - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Boletim Estatístico de Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <http://www.leigeral.com.br/portal/main.jsp?lumPageId=FF808181273E546301273E9A2A8420E3&lumItemId=FF8080814C0DD250014C0F843F087ADE> Acesso em 12/06/2015.

SEIFFERT, M. E. B. **Gestão ambienta**l. Instrumentos, esferas de ação e educação ambiental, 2° Edição, São Paulo: Editora Atlas, 2011

SERAFIM, Luiz. **O poder da inovação**. Como alavancar a inovação na sua empresa. São Paulo: Saraiva, 2011.

SILVEIRA, M. A. Strategic management of innovation towards sustainable development of brazilian electronic. **Journal Technologic Management & innovation**, v. 8, número especial, p. 174-186, 2013.

STEPHANOU, João. Gestão De Resíduos Sólidos: Um Modelo Integrado Que Gera Benefícios Econômicos, Sociais E Ambientais. **Resultados de Pesquisas em Sustentabilidade da Rede GPS (Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação do PPGA/EA/UFRGS)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sustentabilidade/?page_id=6> Acesso em: 27/06/2016.

VOLTOLINI, Ricardo. Sustentabilidade e futuro dos negócios para pequenas e microempresas. **Revista Eletrônica Ideia Sustentável.** ed.36, p. 8-9, jul. 2014.

WALS, A. E. J.; SCHWARZIN L. Fostering organizational sustainability through dialogic interaction. **The Learning Organization**, v. 19, n. 1, p. 11-27, 2012.